A SINHÁ SÁDICA EM *CHICA QUE MANDA*, DE AGRIPA VASCONCELOS

Regina Célia Lima Caleiro (UNIMONTES)[1]
Vinícius Amarante Nascimento (UNIMONTES)[2]

RESUMO: Esta pesquisa propõe uma leitura do romance “Chica que manda”, 1966, de Agripa Vasconcelos a partir da utilização dos conceitos de representação e gênero. Busca também discutir a aproximação entre História e Literatura e com os suportes de interpretação discursiva identificar as desigualdades de gênero que circulam no discurso do referido texto literário. Discurso esse que busca delimitar os lugares de atuação de homens e mulheres, assim como, moldar a subjetividade feminina criando uma identidade naturalizada.
PALAVRAS-CHAVE: História, Literatura, Chica da Silva

ABSTRACT: This research proposes a reading of the novel "Chica que manda", 1966, Agripa Vasconcelos from the use of the concepts of representation and gender. Search also discuss rapprochement between history and literature and the media interpretation discursive identify gender inequalities that circulate in literary text of that speech. This discourse seeks to define the places of work of men and women, as well as shape the female subjectivity creating an identity naturalized.
KEYWORDS: History, Literature, Chica da Silva

[1]Possui Doutorado em História pela UFMG. Professora do curso de graduação em História e do Programa de Mestrado em História da UNIMONTES (Universidade Estadual de Montes Claros).
[2]Mestrando em História Social pela UNIMONTES.

Objetivou-se através desta pesquisa analisar as representações literárias de Chica da Silva no romance histórico biográfico Chica que manda (VASCONCELOS, 1966) do escritor mineiro Agripa Vasconcelos.

Médico e consagrado escritor mineiro, Agripa Vasconcelos nasceu em Matosinho em 1900, dedicou-se a poesia e a prosa produzindo durante sua trajetória intelectual, inúmeros romances, como o selecionado para esta pesquisa. Esta obra faz parte de uma coleção de livros que compõem as Sagas do país das Gerais[3], série que busca contar à história de Minas Gerais no período colonial e imperial conjugando fantasia e realidade (DUARTE, 2010). Com um estilo próprio e híbrido, amálgama de História, Biografia Ficcional e Romance Histórico, Agripa Vasconcelos expõe as suas obras como históricas, resultado de anos de investigação, de viagens e de informações merecedoras de "crédito" pelo leitor.

Vários de seus romances também foram adaptados para a narrativa televisiva[4]. Embora tenha deixado um legado de importantes obras sobre Minas Gerais, foi colocado na orla da crítica literária contemporânea e poucos brasileiros conhecem o seu trabalho. Além de contar pitorescas tradições do povo mineiro, Agripa Vasconcelos busca descrever a vida de personagens reais que viveram no interior mineiro, e recria uma tríade de retratos femininos que protagonizaram três de suas obras "Chica da Silva", "Dona Beja" e "Joaquina do Pompéu."

As maneiras de imaginar o "ser mulher" nas diferentes sociedades em que as mesmas se encontraram introduzidas, seja por meio das apreciações masculinas como femininas, cunharam representações. Neste sentido, este trabalho teve como principal questionamento: Que representações de Chica da Silva foram construídas na obra literária de Agripa Vasconcelos?

Essa pesquisa tem como fonte de observação um objeto literário, que possibilitou a identificação de representações de Chica da Silva. Tendo como

[3]Seis textos compõem as "Sagas" publicadas ainda em vida do autor, são os romances históricos publicados pelas editoras Itatiaia e Villa Ricca: Fome em Canaã, Sinhá Braba: D. Joaquina do Pompéu, A vida em flor de Dona Bêja, Chica-que-manda, Gongo-Sôco, Chico Rei. Falecendo em 1969, Agripa Vasconcelos também deixou escritos inéditos, que se tornaram livros, são eles São Chico e Gado preto e ouro verde.

[4]Duas obras foram transformadas em novelas pela extinta Rede Manchete de Televisão: A vida em flor de Dona Bêja e Chica- que –manda, readaptadas respectivamente nas novelas Dona Beija (1986) e Xica da Silva (1996).

abordagem da História Social e Cultural, que passa a reconhecer as mulheres como participantes ativas da narrativa histórica.

A árdua luta pelo acesso à cidadania vem vencendo uma negligência histórica e reconstruindo os papéis femininos dentro da sociedade e história. As discussões levantadas na década de 1970, com o surgimento da categoria de "gênero", têm possibilitado, além do descortinamento da dualidade cultural, o ingresso dos homens dentro do teatro da escrita da história das mulheres, pois, no palco das relações sociais homens e mulheres contracenam juntos, afastando-se de determinismos biológicos.

Fora da clivagem entre homens e mulheres, onde se busca princípios de diferenciações sexuais, a categoria de gênero procura uma nova configuração histórica para as funções e papéis praticados por homens e mulheres, permitindo definir melhor o campo dos comportamentos compartilhados por ambos, como também, permite o melhor entendimento do complexo jogo de construção de papéis culturais e identidades múltiplas pelos dois sexos (MAIA, 2007).

A História Social exumou mulheres de seus túmulos, resgatando fragmentos de suas vidas, através de fontes inusitadas. Tal resgate permitiu entender questões sobre família, os sentimentos, a sexualidade, as identidades coletivas, as representações sociais e imaginárias. Este trabalho insere-se neste campo investigativo da História das mulheres e do gênero, fruto da grande área da História Social. Como referencial teórico seram abordado autores como Roger Chartier, Joan Scott, Sandra Pesavento.

Nas últimas décadas a História Social vem sendo influenciada por uma vertente culturalista, a História Cultural que "(...) tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 1990, p. 16 – 17). E para isso a História Cultural analisa textos, imagens, e principalmente as práticas e experimentações humanas que engendram na sociedade sob a perspectiva cultural. Em geral, História Social e História Cultural buscam ver "(...) como as práticas e experiências, sobretudo dos homens comuns, traduziam-se em valores, idéias e conceitos sobre o mundo" (PESAVENTO, 2008, p. 39). A representação também está no cerne da nova História Social e Cultural, e essas representações

"(...) construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência" (PESAVENTO, 2008, p. 39). Como forças "(...) geradoras de condutas e práticas sociais (...)" (PESAVENTO, 2008, p. 39).

Segundo Sandra Pesavento a representação é a "(...) presentificação de um ausente (...)" (PESAVENTO, 1998, p. 19). Presença que pode se manifestar, através de imagens visuais, mentais, materiais e discursivas. A imagem de Chica da Silva, fluida na memória coletiva, ausente pelo espaço e tempo, seria presentificada por Agripa Vasconcelos. Como um homem do século XX, Agripa Vasconcelos reconstruiu tal personagem segundo os desígnios de sua época, pois, as representações "(...) são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza" (CHARTIER, 1990, p. 17). Sendo assim, determinados grupos buscaram impor a sua maneira de enxergar o mundo, procuraram estabelecer as suas regras e valores, divisões e classificações, percepções e gestos, "(...) que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais" (PESAVENTO, 2008, p. 42).

O corpus documental desta pesquisa é composto por uma fonte impressa, um romance literário. Fonte profícua para pesquisadores que buscam impressões de vidas, valores, anseios, sentimentos humanos e no caso deste trabalho, representações sobre a figura feminina, repleta de significados. Isso não seria possível sem o advento da História Social e Cultural, da História das Mulheres e da categoria Gênero, que retiraram das fímbrias da memória aspectos importantes do universo feminino. Ressalta-se que, no estudo das representações literárias se "(...) requer, necessariamente, a interpretação da forma e do conteúdo das obras, ou seja, exige que sua análise interna seja articulada aos contextos históricos e sociais" (FERREIRA, 2009, p. 83). Assim sendo, tornou-se indispensável instituir uma tática para o estabelecimento da conversação entre texto e o mundo circundante, dessa forma utilizou-se como procedimento de investigação e interpretação do documento, a análise do discurso, que visa "(...) explicitar como texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeitos e sentidos" (ORLANDI, 2001, p. 26 – 27). Já que para a análise do discurso, a interpretação da

fonte textual é indissociável do seu momento histórico de feitura, não sendo o discurso exterior a realidade.

A análise do discurso, como um dispositivo teórico de interpretação, permite ao analista atravessar as transparências da linguagem, a partir da investigação das propriedades do discurso. Dessa forma, seguindo os pressupostos de Orlandi (2001) buscou-se de- superficializar o discurso a partir de recortes feitos nas *superfícies lingüísticas* (texto literário selecionado), num processo de identificação dos *objetos discursivos*, conjunto de palavras, de significados, de memórias, intenções inseridas e produzidas no texto, cujos sentidos se dão numa relação com a exterioridade. Pois, a materialidade discursiva é condicionada pela conjuntura específica de produção, já que se trata de um objeto sócio-histórico. Só assim tivemos contato com os fios emaranhados que teceram uma rede de posições ideológicas, a *formação discursiva* que nos possibilitou entender os dizeres no texto que desenharam representações sociais.

Agripa Vasconcelos ocupou uma posição de enunciação relevante pelo seu posto de autoridade como médico e literário. Seu romance, pelo alcance e circulação territorial, tornou-se notório. Tal obra recriou uma personagem feminina, tal mediatização é resultado de um discurso social masculino que não é neutro, mas, ideológico, já que, "(...) a linguagem, em seu sentido mais amplo, desempenha papel fundamental na definição e na manutenção da visão de mundo "masculina", vigente na maioria das sociedades ocidentais modernas" (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 55). Tal discurso tem influenciado na composição de uma subjetividade feminina inata e, em decorrência, tem contribuído para manter as mulheres em uma posição de subalternidade ao validar diferenças hierárquicas entre homens e mulheres forjando uma identidade feminina conatural.

Neste trabalho, a fonte precípua é a literatura, mais especificamente um romance que foi confrontado com leituras bibliográficas, de forma a deixar emergir não só o momento social que lhes serve de panorama, mas o perfil feminino aí representado. A literatura nos oferece um conjunto de possibilidades para novas leituras de retentivas do passado. O diálogo entre história e literatura permite interpenetrar processos sociais e processos simbólicos. A diferença entre história e

literatura não mais se dá porque a primeira[5] tem o compromisso com a verdade, pois a história vem assumindo seu caráter ficcional. No seu ofício, o historiador urde o enredo de sua trama subjetivamente, assim como o literato, "tal como a literatura, a história, enquanto representação do real constrói seu discurso pelos caminhos do imaginário" (LEENHARDT, 1988, p.12). Os historiadores, como artífices da história, utilizam de recursos ficcionais na representação de fatos e acontecimentos, embora freados por alguma documentação.

A literatura não pode ser sintetizada a uma mera realização estética, mas sim como fenômeno cultural, que vem possibilitando ao historiador assumi-la como documento para as suas observações e indagações, por trazer "(...) a luz alguns dos valores, comportamentos, gestos, inclusive motivações e imaginários que serviam como guias para as ações das pessoas em cada época" (CARNEIRO, 2006, p. 15). Por historiar e registrar o movimento que o homem desempenha, suas perspectivas de mundo, suas aspirações, a literatura dá um depoimento histórico, e como tal, deve ser inquirida segundo seus atributos característicos. Dadas as mãos, história e literatura, aproximam-se das representações construídas sobre o real.

Através deste trabalho buscou-se resgatar representações discursivas de Chica da Silva na obra "Chica que manda" 1966 de Agripa Vasconcelos, além de rastrear os traços de historicidade presentes no desenho projetado pelo literário na década de 1960 desta mulher do século XVIII. O romance é protagonizado pela escrava Chica da Silva, que vive como mucama do Sargento-Mor no arraial do Tejuco nas Minas setecentistas. Pela sua beleza e graça ganha o coração do homem mais poderoso do Distrito Diamantino o contratador João Fernandes de Oliveira, deste recebe a alforria e poder. Elevando-se socialmente passa a ser uma dama da alta sociedade tejuquense, sendo amada por uns e odiada por outros. De João Fernandes recebe tanto um grande Palácio como um lago artificial com uma galera. Porém a Corte Portuguesa é avisada sobre irregularidades no contrato como dos gastos exorbitantes de João Fernandes e manda um fiscal, que prende o

[5]Na transição do século XIX para o XX, apregoava-se que literatura e história ocupavam lugares distintos; o literário ficcionalizaria o real, enquanto o historiador estabeleceria este real. Sendo assim, a história elevar-se-ia na escalonada como disciplina científica, por se reconhecer a única capaz de registrar a realidade passada, não evidenciando tal atributo na literatura que exprimiria o verossímil, uma modalidade imaginária do fato, que não seria o falso.

contratador. Chica da Silva passa a viver só, riquíssima, porém sempre atormentada pela ausência do companheiro.

As representações de Chica da Silva na obra de Agripa Vasconcelos são irregulares como os borrões provocados pelas pinceladas de um artista impressionista, imagens estas criadas a partir do folclore popular, pesquisa histórica e da intenção do literário de edificar uma heroína distante do modelo dócil e submisso da mulher colonial, pois, Chica ousou na vida e em suas ações, pois, se narrar a vida de uma mulher colonial era meramente salientar uma história trivial que se passava no interior da igreja e do domicílio, Chica pouco se enquadrava com este retrato feminino.

Na obra a heroína seria concebida no plano dos extremos do bem e do mal, a Chica antitética de Agripa Vasconcelos caminharia entre a nequícia e o pecado de Eva e a santidade e caridade de Maria, pois, como coloca Joan Scott (1996) a mulher é recorrentemente concebida a partir desta representação contraditória do modelo judaico-cristão. Embora seja simplificador este discurso dualista do autor, ele é revelador da maneira como a mulher é imaginada pelos homens, pois, a Chica da Silva de Agripa Vasconcelos é um verdadeiro anjo para sua escravaria e benemérita dos desamparados. Mulher que trata doentes desesperançados, sem amealhar custos, pois, os doentes eram igualmente objeto de caridade. Mas também é uma mulher sádica e cruel capaz das piores atrocidades quando enciumada.

No romance de Agripa, Chica da Silva era prisioneira de um ciúme por João Fernandes que lhe consumia a paz, e como coloca-nos Norma de Siqueira em "nome do amor" (2002, p. 02) por este homem Chica da Silva transgredia a ordem social. Raquel Soihet fala que "os crimes beneficiavam-se da onda de romantismo no âmbito da literatura e da arte enfatizando o amor e a paixão" (2000, p. 380), sendo que na obra de Agripa Vasconcelos, são muitas as situações em que o amor e o ciúme abrolham como causadores dos atos mais impetuosos pela protagonista.

A partir da obra do autor temos a oportunidade de observar a presença marcante da violência escravocrata em fragmentos do cotidiano feminino, pois, as mulheres contribuíram decisivamente seja para a permanência da violência da sociedade escravista como para a sua dissimulação, e as fontes literárias

"demonstram que elas assimilaram e lançaram mão de várias formas de violência especialmente no âmbito doméstico" (CALEIRO e SILVA, 2008, p.204).

Descrita com um ciúme possessivo por Agripa Vasconcelos Chica da Silva mata Gracinha e Catarina, por ciúmes e medo de perder o contratador de diamantes. Gracinha é uma "mocinha engraçada, vestida de chita, com os cabelos corridos de carijó, tendo uma sempre viva ao lado dos cabelos", (VASCONCELOS, 1966, p. 100) o destino trágico de Gracinha seria de ser enterrada com o pescoço para fora da terra e logo após ter a cabeça decapitada a golpes de enxadão a pedido da Senhora do Tejuco; Já Catarina era uma jovem "de dezoito anos, muito atraente," (VASCONCELOS, 1966, p. 145) que havia ofertado a João Fernandes um refresco de araçá. Para Chica da Silva tal fato já era um indício de traição, sendo que os pensamentos da mulata já fabricavam a cena da infidelidade, "revia o amante deitado na rêde, balançada de leve pela mão amorosa de Catarina... a rêde ia, a rêde vinha, gemendo nos punhos" (VASCONCELOS, 1966, p. 145). Não podendo conter o seu ímpeto sanguinário, Chica convoca alguns de seus terríveis escravos para colocarem Catarina as margens do rio Jequitinhonha para ser deglutida por uma imensa sucuri. Logo após o crime, os negros foram relatar tudo a sua Sinhá, que "apenas sorriu" (VASCONCELOS, 1966, p. 147). Chica da Silva também manda matar Zezinho, um suposto recadeiro amoroso entre João Fernandes e suas supostas amantes. Apta a gerência e ao raciocínio cruel, Chica chama alguns de seus escravos de confiança, que a seu mando amarraram a Zezinho e mergulharam os pés do rapaz num poço repleto de piranhas, sendo que em poucos instantes, "os pés de Zezinho estavam reduzidos a ossos, com alguns dedos arrancados" (VASCONCELOS, 1966, p. 108).

Fazendo uso de dramas correntes da sociedade escravocrata, o autor aborda a questão da banalização das penalidades físicas que algumas proprietárias dispensavam a suas escravas e escravos, tratamento desumano que poderia chegar às raias do sadismo. Já que Chica da Silva se comportava como qualquer Sinhá branca com relação as suas escravas tratando sempre "com severidade exagerada a seus serviçais", (VASCONCELOS, 1966, p. 71) mandando inclusive arrancar a torquês os dentes de uma de suas escravas, por esta ter sido elogiada pelo próprio contratador.

Na sociedade escravocrata não faltaram sinhás e sinhazinhas que se comportando como "a versão doméstica e feminina do feitor" (ESTANISLAU, 2001, p. 213) mutilaram, deformaram ou mesmo transformaram o corpo de suas escravas em saco de pancadas. Mulheres que como já dizia Alípio Goulart, "por vezes mais satânicas que os homens" (GOULARD, 1971, p. 47) na aplicação de castigos aos escravos e principalmente as escravas, pois, sobre estas recaia o fardo da sujeição sexual ao senhor e o despeito amoroso e hostilidade da senhora ultrajada e diminuída, cujos crimes sádicos avolumavam nas inscrições da época, seja nas crônicas policiais como na memória dos que relataram tais sevícias. As áreas preferências para a espoliação do corpo da escrava feito pelas senhoras eram sem dúvidas, "as regiões corporais comumente identificadas a seu poder de sedução: nádegas, dentes, orelhas, faces etc" (GIACOMINI, 1988, p. 74). Tendo como motivação principal o ciúme, tornaram-se incontáveis as formas de violência empregadas pelas senhoras em relação as suas escravas, maus- tratos que variavam entre as agressões físicas, torturas e amputações.

Na obra de Agripa Vasconcelos João Fernandes é fraco e passivo e se rende a "natureza" dominadora e tirânica de sua amada, que tinha as suas veleidades mais frívolas atendidas por ele. A caricatura da mulher, "que manda" no romance de Agripa Vasconcelos remete ao próprio mito da mulher castradora, que desde o período da Antiguidade Clássica já se personificava nas figuras de mulheres - demônio, Harpias, Fúrias, Sereias, Parcas, mulheres poderosas e temíveis que terrificavam o imaginário masculino. Chica da Silva não se distância tanto destas mulheres assombrosas, pois, na inscrição literária sabe ser tão traiçoeira e cruel quanto elas, cometendo crimes injustificáveis, como lançar de uma falésia um hipotético filho de uma relação extraconjugal de João Fernandes.

Na sociedade escravista brasileira, não faltaram casos de assassinatos de crianças marcados pelos requintes de crueldade, principalmente entre os mulatinhos mais claros, frutos da relação entre o senhor e a escrava, que "nem sempre teriam sido vistos com bons olhos, ao menos por algumas senhoras" (GIACOMINI, 1988, p. 52) João Emanuel Pohl citado por José Alípio Goulart relata uma atrocidade aterrorizante, cometido por uma paulista enciumada que, "matou o filhinho de uma de suas escravas e apresentou ao marido, que suspeitava fosse o

pai do mesmo, o cadáver da criança assado e enfiado num espêto." (POHN *apud* GOULART, 1971. 52) no Maranhão, "uma senhora matou uma criança escrava a garfadas, apenas por desconfiar que dita criança fosse fruto do amor de seu marido com uma negra de sua senzala" (FREIRE *apud* GIACOMINI, 1988, p. 81).

Em outro momento da obra Chica da Silva com a truculência de um carrasco assiste alegremente ao espetáculo da punição de um escravo, que a mando dela foi açoitado simplesmente por lhe olhar com um pouco de languidez. O drama do escravo é pintado pelo romancista com muito sangue e carnes laceradas.

> Não demorou e, do rancho da festa, ouviram-se os estalos da palmatória de cobre, nas mãos do velho. Chica alegrava-se, foi ficando comunicativa. Sorria, a pilheriar com as amigas. Dali em diante o chicote tombou na carcaça magra de Bonifácio; escorreu sangue e o negro não gemia. Foi uma surra bárbara, que machucava o coração dos visitantes mais insensíveis. (...) Uma orelha da vítima, ferida pela aspa da ponta do relho, esguichava sangue. Quando o feitor, com o braço cansado, deu por findo o castigo, João Fernandes, covardemente o chamou com a mão: - Para as feridas não inflamarem, banhe tudo com salmoura (...) Chica, então apareceu na porta e viu o espancado ainda de pé, como um Cristo negro, trazido da dor desesperante. Afetou espanto: - Por que pararam a dança? Que é isto? Não! Quero todos dançando, o dia é de vocês. Quero o Bonifácio também dançando. (VASCONCELOS, 1966, p. 186)

No que tange ao caráter de Chica da Silva o retrato composto pelo narrador é monstruoso. Por seus crimes, Chica da Silva poderia ser descrita como a própria imagem da desordem, e personifica "o paradigma do desvio feminino, definindo a norma pela transgressão" (FILHO, 1983, p. 105). Percebe-se que o autor se compraz em narrar pormenores da perversidade de sua biografada.

Seja como Rainha, Grande Senhora, Matriarca ou como a "mulher fatal", Chica da Silva revela-se diabólica, traiçoeira, verdadeiro mal que desatina e desagrega, pois, "a literatura e as lendas estão povoadas de fadas más e venenosas, mulheres fatais e demoníacas, identificadas com a Medusa, as Górgonas, a deusa Kali, Pandora, Eva, Cleópatra e Salomé" (SANT'ANNA, 1993, p. 81). Agripa Vasconcelos busca revisitar tanto textos bíblicos como textos

mitológicos em busca de inspiração para compor o retrato de sua Chica da Silva através de uma procissão de mulheres de perigosa feminilidade.

No final da história a mulher fatal termina a sua vida só, punida pela falta de João Fernandes, atormentada pelos crimes cometidos e à beira da loucura. Assim é o final da vida, segundo Agripa Vasconcelos, da mulher que nega a maternidade, que não se contenta em ser sepultada no âmbito domiciliar e que transgride os padrões normativos transcritos para o feminino.

Na trama literária Chica da Silva foi apresentada como pertinaz, brilhante, forte, fria, competente para o comando e ao raciocínio cruel, mas também contraditoriamente foi descrita como santa e genuinamente caridosa. Tais representações fazem parte do projeto identitário do literário que ao procurar entender o fato da mulher poderosa que exerce o mando, acaba por simplificá-la através de uma tipologia de caráter maniqueísta, como se todas as mulheres formidáveis pudessem ser reduzidas a uma forma condensada, visto que outras personagens de Agripa Vasconcelos também são descritas dessa mesma forma.[6]

Esta pesquisa ao identificar os preconceitos, estereótipos e idealizações na construção das representações desta mulher contribui para a investigação da produção de identidades de gênero na literatura, como também no processo de desconstrução desta identidade que não é natural nem invariável e para o descortinamento de um discurso masculino (muitas vezes machista) que fala sobre a mulher, ajuizando expressar-se por ela.

De acordo com Júnia Ferreira Furtado (2003), Chica da Silva foi uma personagem histórica nascida escrava entre os anos de 1731 e 1735 no arraial de Milho Verde que viveu no diamantífero arraial do Tejuco entre 1750 e 1779 data do seu falecimento. Sua vida se cruza à do contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira, com o qual manteve um relacionamento duradouro e 13 filhos. Chica conseguiu alforria e buscou logo mudar os rumos de sua vida, auferindo bens, tornando-se senhora de escravos e buscou comportar-se como um membro da elite tejucana. A ex-escrava mostrou desvelo pelos filhos, não medindo esforços

[6]Dona Beija e Joaquina do Pompéu.

para educá-los e inseri-los positivamente em uma sociedade excludente, demonstrando também devoção aos preceitos católicos.

REFERÊNCIAS

CALEIRO, Regina Célia Lima; SILVA, Franscino Oliveira. Mulheres, violência e escravidão nos contos de Machado de Assis. In: OLIVA, Osmar Pereira. (Org.). **Machado de Assis e as suas múltiplas vozes**. Montes Claros: Editora UNIMONTES, 2008, p. 203 - 214.

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____**Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. Imagens de "mães pretas": representações da maternidade e da escravidão na escrita de José de Alencar. **Unimontes Científica**. Montes Claros, v. 8, n. 2, p. 13 – 30, jul./dez. 2006.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

DUARTE, Constância Lima (Org.). **Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tânia Regina. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, **2009, p. 81-82.**

FILHO, Ovídio de Abreu. Dona Beija: análise de um mito. In: FRANCHETTO, Bruna. (Org.). **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. Vol. 3, p. 76 – 107.

FLÓRIDO, Lúcia. Agripa Vasconcelos e a biografia: uma questão de gênero. **Revista discente do Cell**. Ouro Preto, n. 0. p. 55 - 60. 1° sem. 2010.

FREITAS, Norma de Siqueira. Amor e carnaval: Chica da Silva, a soberana do Tijuco. In: Segundo Encontro de Ciências da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ, 2002, Rio de Janeiro. **Espaço e Escrita**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002, p. 01 - 05.

ESTANISLAU, Lídia Avelar. Feminino plural: negros no Brasil. In. FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Brasil Afro Brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 213 - 228.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador de diamantes**: o outro lado do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulher e escrava**: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes. 1988.

GOULART, José Alípio. **Da palmatória ao patíbulo**. Rio de Janeiro: Conquista. 1971.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: UNICAMP, 1988.

MAIA, Claúdia de Jesus. **A invenção da solteirona**: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890 – 1948). Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Tese de Doutorado.

ORLANDI. Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____ Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.30, p. 56 – 75. 2002.

_____ Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In. LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: UNICAMP, 1998.

POHL, João Emanuel. **Viagem no Interior do Brasil I**. Rio de Janeiro, 1951.

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. **Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1975.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. (Org.). **História de Minas Gerais**: as Minas setecentistas II. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo amoroso**: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SAMARA, Eni de Mesquita. **Família, mulheres e povoamento**. Bauru: Edusc, 2003.

SHUMAHER, Shuma; BRASIL, Érico Vital. (Orgs.). **Dicionário mulheres do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In. PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000, p. 362 - 400.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. 3. ed. Recife: SOS Corpo, 1996.

VASCONCELOS, Agripa. **Chica que manda**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1966.

Recebido em julho de 2013.
Aprovado em agosto de 2013.